

Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o *continuum* risco-proteção

Adolescentes en situación de vulnerabilidad social y el continuum riesgo-protección
Adolescents in socially vulnerable situations and the continuum risk-protection

NORMANDA ARAUJO DE MORAIS*

Universidade de Fortaleza, Brasil

MARCELA RAFFAELLI**

University of Illinois at Urbana-Champaign, Estados Unidos da América

SÍLVIA HELENA KOLLER***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Trata-se de estudo de casos múltiplos obtido após inserção ecológica dos pesquisadores nos contextos de desenvolvimento de quatro adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Estes foram selecionados de um estudo maior realizado com 98 adolescentes brasileiros de dois grupos distintos (G1 em situação de rua e G2 que viviam com suas famílias em situação de extrema pobreza). Os adolescentes selecionados tiveram os escores mais altos e mais baixos de ajustamento nos respectivos grupos. Os quatro jovens foram descritos quanto aos indicadores de ajustamento, fatores de risco e fatores de proteção, utilizando-se dados quantitativos e dados do diário de campo. Os resultados mostraram pontos comuns e divergentes entre os casos e a existência de um *continuum* de vulnerabilidade social. Este se relaciona mais à forma como fatores de risco e proteção interagem na vida de cada um dos adolescentes, do que unicamente ao contexto em que se vive (rua ou família). *Palavras-chave:* vulnerabilidade social, adolescentes, ajustamento, fator de risco, fator de proteção

Abstract

A multiple case study design was applied to data collected through ecological engagement in developmental contexts of adolescents in socially vulnerable situations. Four adolescents were selected from a larger study of 98 Brazilian adolescents in two distinct groups (G1 - youth in street situations and G2 - impoverished youth living with their families). The selected adolescents had the highest and lowest adjustment scores in their respective groups. Quantitative data and observational field notes were used to describe the four youth on indicators of adjustment and risk and protective factors. Results indicated points of convergence and divergence between the cases and the existence of a *continuum* of social vulnerability that was strongly related to how risk and protective factors interact in the life of each adolescent, rather than being strongly related to living situation (street or families).

Keywords: social vulnerability; adolescents; adjustment; risk factors; protective factors

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor). Coordenadora do Laboratório de Estudos dos Sistemas Complexos: casais, família e comunidade (Lesplexos).
Email para contato: normandaaraujo@gmail.com.

** Professora da University of Illinois at Urbana-Champaign (UIUC).

*** Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas em Situação de Rua (CEP-Rua).

Para citar este artículo: Morais, N.A., Raffaelli, M., Koller, S.H. (2012). Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o continuum risco-proteção. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 30 (1), 118-135.

Resumen

Este es un estudio de casos múltiples, realizado después de la inserción ecológica de los investigadores en los contextos de desarrollo de cuatro adolescentes en situación de vulnerabilidad social. Estos fueron seleccionados de un estudio más amplio llevado a cabo con 98 adolescentes de Brasil de dos grupos diferentes (G1 en situación de calle y G2 en condición de extrema pobreza). Los adolescentes seleccionados tenían las calificaciones más altas y las más bajas de ajuste en sus respectivos grupos. Los cuatro jóvenes fueron descritos en cuanto a indicadores de ajuste, factores de riesgo y factores de protección, utilizando datos cuantitativos y datos del diario de campo. Los resultados mostraron puntos comunes y divergentes entre los casos y la existencia de un continuo de vulnerabilidad social. Este se relaciona más con la forma en que factores de riesgo y protección interactúan en la vida de cada adolescente, que con el contexto en el que viven (calle o familia).

Palabras clave: vulnerabilidad social, adolescentes, el ajuste, el factor de riesgo, factor de protección

Por vulnerabilidade social entende-se o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais oriundas do Estado, do mercado e da sociedade (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima & Martinelli, 2002). Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores e está relacionado com o maior ou menor grau de qualidade de vida das pessoas (Rocha, 2007).

O conceito de vulnerabilidade social é usado em contraposição ao de “grupos de risco” (Guareschi, Reis, Huning & Bertuzzi, 2007). Sendo assim, enquanto a noção de grupos de risco tende a individualizar e personificar a adversidade vivida, relacionando-a a uma questão de conduta, a perspectiva de vulnerabilidade social propõe-se a entendê-la como resultado de um processo social que remete à condição de vida e aos suportes sociais. No caso da população infanto-juvenil, Malvasi (2008) afirmou que a vulnerabilidade está associada a alguns

aspectos negativos, como por exemplo: a falta de garantia dos direitos e oportunidades nas áreas de educação, saúde e proteção social, o envolvimento com drogas e com situações de violência (doméstica e comunitária), a situação de rua, o trabalho infantil, dentre outras.

Dentre as condições adversas citadas, ressaltase a situação de rua. Muitos são os estudos que tratam das consequências negativas ao desenvolvimento trazidas pela situação de rua (para revisões, ver Koller & Hutz, 2001; Koller & Raffaelli, 2008; Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010; Raffaelli, 1999; Rizzini, 1995), assim como os estudos que mostram as estratégias de resiliência de meninos/meninas em situação de rua para conseguir sobreviver às adversidades que esse contexto lhe impõe (Aptekar, 1994; Ennew, 1994; Felsman, 1989; Morais, Raffaelli & Koller, 2010). No entanto, tem-se verificado entre os estudos sobre o desenvolvimento de crianças ou adolescentes em situação de rua a necessidade de se voltar o olhar (em termos teóricos e de intervenção) para as condições de vida que antecedem a vinda para a rua, uma vez que as adversidades vividas ainda no contexto familiar, escolar e comunitário podem estar motivando e justificando a escolha pela rua em algum momento por essas crianças/adolescentes (Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010).

Em consonância a essa necessidade, está a observação de que crianças em situação de rua seriam apenas uma pequena parcela de crianças e jovens de baixa renda existentes no Brasil (Rizzini, Barker & Cassaniga, 2000). Essa parcela, por ser visível e percebida como mais ameaçadora, atrai maior atenção das políticas oficiais, em comparação com um amplo contingente de crianças e adolescentes que, mesmo morando com suas famílias, também não têm acesso a bons serviços de educação, saúde, programas sociais e outras formas de apoio que contribuem para o seu pleno desenvolvimento. Estas, de forma semelhante a muitas daquelas que estão nas ruas, enfrentam limitações ao seu pleno desenvolvimento.

Com base na ressalva feita, portanto, é que se resgata a necessidade de estudar conjuntamente dois grupos de crianças e adolescentes: um grupo com experiência de rua e outro que vive com sua

família em situação de extrema pobreza, mas que também está inserido em um contexto de vulnerabilidade social, tal como descrito por Abramovay et al. (2000). Esses dois grupos são estudados de forma conjunta, uma vez que outras pesquisas realizadas com crianças e adolescentes em situação de rua (McCaskill, Toro & Wolfe, 1998; Rabideau & Toro, 1997; Rafferty & Shinn, 1991; Toro et al., 1995) têm mencionado a necessidade de incluir em suas análises grupos de comparação. De acordo com esses pesquisadores, a inclusão dos grupos de comparação justifica-se pela necessidade de estudar mais detalhadamente o que seria efeito da pobreza e da situação de rua. Ademais, há quem defenda que “a experiência de rua é um evento ao longo do *continuum* da experiência de pobreza da criança” (Panter-Brick, 2001, p. 92).

As análises entre grupos distintos, assim como entre indivíduos de um mesmo grupo são bastante atuais na psicopatologia do desenvolvimento e partem do pressuposto de que há heterogeneidade em termos de resultados desenvolvimentais entre os indivíduos, mesmo aqueles que fazem parte de um mesmo grupo e vivem em condições sociais “aparentemente” semelhantes (Rutter, 2007).

O objetivo do presente artigo é, portanto, identificar e caracterizar quatro casos, caracterizados como os de maior e menor ajustamento de dois grupos de adolescentes (grupo de base-rua – G1 e grupo de base-familiar – G2), que participaram do estudo realizado por Morais (2009) e Morais, Koller, e Raffaelli (2010) acerca dos fatores de risco, proteção e indicadores de ajustamento de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Definidos os quatro casos, buscar-se-á caracterizá-los quanto à relação familiar, vinculação com a rua, com a instituição que frequentam e com a escola, rede de apoio e aos indicadores de ajustamento, identificando pontos semelhantes e divergentes entre os mesmos, tanto entre os casos do mesmo grupo quanto de grupos diferentes.

Método

O delineamento utilizado é de estudos de casos múltiplos. De acordo com Yin (1994), este tipo de delineamento se propõe a investigar um fenôme-

no no contexto real, preocupando-se, sobretudo, em como e por que ele se manifesta. Os estudos de caso múltiplos permitem representar a riqueza dos dados quantitativos, uma vez que os ilustra e contextualiza.

Participantes

Quatro adolescentes com os maiores e menores escores de ajustamento, sendo dois de cada subgrupo (grupo de base-rua e grupo de base-familiar). Três adolescentes eram do sexo feminino e apenas um era do sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 13.25 anos ($SD=1.70$). Mais detalhes sobre a caracterização dos participantes são apresentados na seção de resultados.

Instrumentos

Para compor a caracterização dos quatro casos identificados, foram utilizados instrumentos que avaliaram fator de risco (eventos estressores), fator de proteção (rede de apoio) e os indicadores de ajustamento (sintomas físicos, uso de droga, comportamento sexual de risco, comportamento suicida, afeto positivo e afeto negativo), conforme descrito na Tabela 1.

Além disso, utilizou-se o diário de campo que é o instrumento no qual foram feitos os registros sistemáticos dos dados obtidos durante a Inserção Ecológica. Nele foram anotadas descrições, trechos de fala dos participantes, impressões e sentimentos da pesquisadora. Através dos diários de campo, de acordo com Dalmolin, Lopes e Vasconcelos (2002), foi possível levantar tanto os dados pertinentes ao contexto da pesquisa e seus participantes quanto sobre o movimento da primeira autora, desde o seu primeiro contato com as instituições e os adolescentes até o encerramento da coleta de dados.

O indicador geral de mau ajustamento, usado para selecionar os quatro casos, é um composto que foi formado a partir da soma dos seis indicadores de ajustamento descritos na Tabela 1. Para sua criação, foram realizados os seguintes passos: (a) a inversão dos itens da Escala de Afeto Positivo, de forma que os escores mais altos representassem menor afeto positivo, ou seja, maior “mau ajusta-

Tabela 1.

Definição e descrição dos Instrumentos Utilizados

<i>Dimensão/ Variável</i>	<i>Instrumento</i>	<i>Descrição</i>	<i>Valores</i>
<i>A. Fator de Risco</i>			
Eventos Estressores	Inventário de Eventos Estressores (adaptado de Kristensen, Dell’Aglío, Leon& D’Incao, 2004).	61 itens que avaliam a presença/ausência de eventos de vida estressores, assim como o impacto.	- Número – (0-61) - Impacto – (1-5)
<i>B. Fator de Proteção</i>			
Rede de Apoio Social	Mapa dos Cinco Campos (Hoppe, 1998, Samuelsson, Thernlund, e Ringström, 1996)	Avalia número de contatos e fator de proximidade da rede de apoio em cinco contextos (família, escola, instituição, parentes/amigos/vizinhos e contatos formais).	- Número de contatos – (0-109 ¹) - Fator de Proximidade – (0-8)
<i>C. Indicadores de Ajustamento</i>			
Sintomas Físicos	Checklist de Sintomas Físicos (Morais, Koller& Raffaelli, 2010)	Os participantes relataram a presença de 11 sintomas (febre, dor de cabeça, problema respiratório etc.) durante o último mês	0 – nenhum sintoma a 11 – todos os sintomas.
Uso de Drogas	Escala sobre o Uso de Drogas (baseada em Noto et al, 2004). (Alpha = 0.87).	Avalia a média do uso geral de drogas (lícitas e ilícitas) no último mês pelos participantes.	1 – não usou a 4 – usou quase todos os dias (20 dias ou mais).
Comportamento Sexual de Risco	Índice geral de comportamento sexual de risco (Morais, Koller& Raffaelli, 2010)	Os participantes relataram a presença dos seguintes comportamentos: já ter transado na vida, ter tido três parceiros ou mais no último ano, ter transado antes dos 13 anos, não ter usado camisinha na última relação sexual e ter tido alguma DST no último ano	0 – nenhum risco a 5 – presença de todos os comportamentos sexuais de risco.
Comportamento Suicida	Escore de Risco para o Comportamento Suicida (Morais, 2009, Morais, Koller& Raffaelli, 2010).	O escore foi criado através da junção das questões de se “já pensou, já tentou e quantas vezes tentou o suicídio”.	0 – Não pensou e não tentou; 1 – Pensou e não tentou; 2 – Tentou uma vez e, 3 – Tentou duas vezes ou mais.
Afeto Positivo	Versão adaptada do PANAS-C (Giacomoni, 2002; Laurent et al., 1999). (Alpha = 0.88)	20 itens; Os participantes indicaram, o quanto se sentiam felizes, alegres, animados etc.	1 - nenhum pouco a 5 - muitíssimo
Afeto Negativo	Versão adaptada do PANAS-C (Giacomoni, 2002; Laurent et al., 1999). (Alpha = 0.92)	20 itens; Os participantes indicaram, o quanto se sentiam tristes, deprimidos, impaciente etc.	1 - nenhum pouco a 5 – muitíssimo

1 Número máximo de contatos apontado por um adolescente nesse estudo. Portanto, variável entre pesquisas.

mento”; (b) a transformação de cada indicador de ajustamento em um escore padronizado (escore z), o qual permitiu a comparação dessas medidas, obtidas a partir de diferentes escalas de mensuração; e (c) a soma dos escores padronizados (escore z) de todos os indicadores (sintomas físicos, uso de drogas, comportamento suicida, comportamento sexual de risco, afeto positivo e afeto negativo) a fim de formar o indicador geral de mau ajustamento.

Procedimentos

Seleção dos Participantes. A fim de selecionar os casos com maiores e menores escores de mau ajustamento do Estudo de Morais (2009) e Morais, Koller, e Raffaelli (2010), utilizou-se a ferramenta *descriptives* do SPSS, a qual permitiu identificar o valor mínimo e máximo da variável “indicador geral de mau ajustamento” nos grupos G1 e G2. Com base nesses valores, partiu-se para a identificação dos participantes e dos seus respectivos dados. Em se tratando da medida mau ajustamento, a interpretação mais adequada é a de que, quanto maior e mais positivo o escore fosse, pior seria o ajustamento; enquanto que, quanto menor e mais negativo fosse o escore, melhor seria o ajustamento (ver Tabela 2).

Coleta de Dados. O processo de coleta de dados que originou esse estudo foi realizado com base na Inserção Ecológica, a qual consiste numa operacionalização da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Ceconello & Koller, 2003; Eschiletti- Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller, 2008). Pesquisadores engajaram-se em três instituições por um período de sete meses, sendo que em média eram realizadas duas visitas semanais a cada uma. A vinculação progressiva aos adolescentes foi permitindo a aplicação dos instrumentos (para maiores detalhes de como se deu a operacionalização da inserção ecológica nessa pesquisa, ver Morais, Koller & Raffaelli, in press a).

Aspectos Éticos. Todos os procedimentos éticos necessários à execução do estudo foram respeitados: aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Protocolo n.

2006533); apresentação do projeto de pesquisa aos dirigentes das instituições e assinatura do Termo de Concordância para a realização de pesquisa; além da assinatura do Termo de Assentimento pelos adolescentes.

Resultados

Yin (1994) afirmou que a análise de dados pode estar baseada em proposições teóricas ou na descrição do caso. Nesse estudo, não foram elaboradas proposições, dado o seu caráter descritivo e exploratório. Assim sendo, os casos foram descritos com base nas respostas aos instrumentos avaliados (descritos na Tabela 1) e nos dados do diário de campo.

A Tabela 2 apresenta os escores de cada participante para todas as variáveis avaliadas. Os participantes foram identificados com nomes fictícios, a fim de preservar sua identidade. Uma vez que o objetivo do estudo de casos múltiplos consiste em apresentar uma descrição detalhada dos aspectos que compõem o caso em questão, não foram realizados para esse artigo, testes de diferença entre os escores dos participantes.

Tabela 2.
Escore dos Participantes Caracterizados pelo Maior e Menor Indicador de Mau Ajustamento no Grupo de Base-Rua e no Grupo de Base-Familiar

Variáveis	Ricardo	Amanda	Rita	Fernanda
Idade	13	11	15	14
Grupo (rua/família)	Rua	Rua	Família	Família
Eventos estressores				
Número (0-61)	36	13	29	13
Impacto (1-5)	3.17	2.92	3.76	2.62
Sintomas físicos (0-11)	9	0	4	1
Uso de droga (1-4)	2.86	1	1.57	1
Comportamento sexual de risco (0-5)	3	0	2	0

Continúa

Variáveis	Ricardo	Amanda	Rita	Fernanda
Comportamento suicida (0-3)	3	0	1	0
Afeto positivo (1-5)	4.15	4.80	3.85	4.05
Afeto negativo (1-5)	3.30	1.65	2.55	1.10
Indicador de mau ajustamento (escore z)	9.17	- 5.21	1.95	- 6.32

Conforme mostra a Tabela 2, Ricardo (G1) e Rita (G2) apresentaram os maiores escores de mau ajustamento, enquanto Amanda (G1) e Fernanda (G2) os menores escores. Verificou-se que, mesmo sendo do grupo de base-familiar, Rita teve um maior escore de mau ajustamento quando comparada à outra adolescente do grupo de base-rua, Amanda. O adolescente Ricardo do grupo de base-rua apresentou os maiores escores de eventos estressores, sintomas físicos, uso de droga, comportamento sexual de risco, comportamento suicida e afeto negativo, quando comparado às demais adolescentes. O maior impacto dos eventos estressores foi revelado pela adolescente Rita (pior escore de ajustamento do grupo de base-familiar), enquanto que Amanda (do grupo de base-rua) destacou a maior média de afetos positivos.

A Tabela 3 apresenta os escores de cada participante para as variáveis “número total de contatos” e “fator de proximidade” na rede de apoio, os quais foram avaliados pelo Mapa dos Cinco Campos (Morais, 2009; Morais, Koller & Raffaelli, in press b). Os dados são apresentados considerando-se “todo o mapa” e os cinco contextos de desenvolvimento separadamente (família, instituição, escola, amigos/vizinhos/parentes e contatos formais).

Como mostra a Tabela 3, a participante Amanda foi quem mencionou um maior número de contatos em toda a rede de apoio, enquanto o adolescente Ricardo atribuiu uma maior proximidade a toda rede (fator de proximidade que considera todos os cinco contextos em conjunto e não de forma separada), em comparação às demais adolescentes. A análise detalhada por campo está descrita na apresentação de cada caso.

Tabela 3.

Escores das Variáveis da Rede de Apoio Social e Afetiva Para os Participantes com Maior e Menor Indicador de Mau ajustamento no Grupo de Base-Rua e no Grupo de Base-Familiar.

Itens	Ricardo	Amanda	Rita	Fernanda
Grupo	Rua	Rua	Família	Família
Todo o mapa				
Número total de contatos (14-109) ^a	42	68	32	29
Fator de proximidade (0-8) ^b	6.57	6.23	3.91	4.31
Família				
Número total de contatos (0-25)	6	8	11	6
Fator de proximidade (0-8)	8	7	3.73	5.33
Instituição				
Número total de contatos (2-27)	18	16	5	9
Fator de proximidade (0-8)	6.89	5.38	5.80	4.22
Escola				
Número total de contatos (0-24)	0	9	6	7
Fator de proximidade (0-8)	0	6.11	1	4.29
Amigos, vizinhos e parentes				
Número total de contatos (0-47)	18	16	5	7
Fator de proximidade (0-8)	5.78	7.19	5	3.57
Contatos formais				
Número total de contatos (0-32)	0	19	5	0
Fator de proximidade (0-8)	0	5.81	4.67	0

Nota. ^a Esses valores representam os valores mínimo e máximo da variável número total de contatos, considerando todos os participantes que responderam ao mapa ($n = 68$). Eles foram colocados na Tabela a fim de melhor situar os dados dos quatro casos descritos; ^b Esse valor representa os valores mínimo e máximo que o fator de proximidade teve entre os 68 participantes.

Parte-se agora para a descrição dos quatro casos, sendo que primeiro serão apresentados os dados dos participantes de G1 e depois os de G2.

a) Caso 1 - Ricardo (maior escore de mau ajustamento no grupo de base-rua). Ricardo tinha 13 anos e vivia desde os 11 anos de idade na rua. Tinha pele morena e aparentava ter menos idade do que tem, dado o corpo franzino e a baixa estatura. Os dentes eram amarelados, característica bastante frequente entre as crianças e adolescentes em situação de rua que usam inalantes, sobretudo a “cola de sapateiro”. Costumava chegar ao albergue noturno (onde a entrevista foi realizada) bastante sujo e geralmente mais tarde da noite, conduta comum entre os adolescentes que têm uma vinculação maior com a rua e que aproveitam todo o tempo que possuem para permanecer na rua, seja brincando, trabalhando ou usando droga.

Os pais de Ricardo eram separados e ele disse que tinha três irmãos. Contou que tinha uma irmã que morreu com apenas um ano. O próprio irmão, na época, com três anos, “a matou”, enquanto brincavam de “cavalinho”. Nessa hora e enquanto lembrava o que aconteceu, Ricardo se emocionou e chorou.

Antes de vir para a rua, Ricardo morava com a mãe e os irmãos. Disse que saiu de casa “porque era usuário de drogas e porque a sua mãe o mandava fazer as coisas” (arrumar a casa, por exemplo). O pai era caminhoneiro e morava em outra cidade do interior do RS, enquanto a mãe era dona de casa. Ricardo disse não manter contato com a família, uma vez que “a fifi (fissura da droga) não deixa”. Perguntado sobre quem faz parte da sua família, o adolescente respondeu: “minha mãe, meus irmãos, minha tia, minha avó. Todos os meus parentes, menos o meu pai”. A relação entre os seus pais foi descrita como conflituosa, já que eles “se matavam a pau”.

Ricardo cursou até a terceira série do Ensino Fundamental e deixou claro no seu relato a dificuldade que tinha de se adaptar à escola. Relatou quatro reprovações e disse que abandonou a escola “porque não gostava, as professoras são chatas e eu não gosto que gritem comigo”. O abandono, por sua vez, foi motivado pela influência dos amigos

da escola: “eles me chamavam para sair do colégio e eu ia”, conforme Ricardo contou.

O adolescente afirmou que costumava ficar todos os dias na rua, dormindo na própria rua ou no serviço de acolhimento noturno existente na cidade. Enquanto estava na rua, afirmou que costumava brincar, trabalhar, pedir, andar pela rua e usar droga. Ricardo descreveu como “muito fácil” suprir as necessidades de sobrevivência na rua, como alimentação, sono, higiene (tomar banho, trocar de roupa e lavar roupa) e ter um lugar para dormir. Disse, ainda, ser “muito fácil” conseguir cuidados médicos quando estava doente e encontrar alguém para protegê-lo quando precisava de ajuda. Ricardo disse que frequentava o albergue noturno desde que começou a ir para a rua. Um primo dele o convidou para ir até lá. Ele conta que buscou o albergue, porque “tem sinuca, TV, tem janta, cama limpa e roupa lavada”. Durante o período de inserção da equipe de pesquisa no albergue, no entanto, pôde-se constatar que Ricardo acessava apenas raramente essa instituição.

No momento da pesquisa, Ricardo disse que fazia uso de bebida alcoólica, cigarro, cola, loló, maconha e crack. Enquanto o álcool, cigarro e crack eram de uso quase diário (20 dias ou mais no mês), a maconha era usada “alguns dias” e a cola e a loló “poucos dias”. Apesar de já ter tentado parar de usar as referidas drogas “porque ficou doente”, Ricardo disse que só conseguiu isso por um tempo, retomando o uso em seguida. Ele nunca foi internado para tratamento de dependência química. Ricardo destacou, ainda, que outras pessoas em sua família são usuárias de droga, incluindo a sua mãe, pai, tios e os primos. Estes últimos são traficantes. No diário de campo há um relato em que Ricardo dá uma “aula” sobre todos os nomes pelos quais o crack é conhecido.

“Quando eu menos espero chega o Ricardo... Muito disposto, ele topou concluir o Mapa [dos cinco campos] e uma parte da entrevista. (...) Depois, ele ficou me dando uma aula sobre os nomes da pedra = crack. Ele me contou que a pedra tem vários nomes: ‘Viviane’, ‘Bate-Bate’, ‘Ruck’ (que é uma pedra mais forte) e ‘Cofe-Cofe’ (que é uma pedra ruim que dá para botar no ‘petico’, uma mistura de maconha e crack).” (Diário de Campo, 22/11/2007)

Outra característica marcante de Ricardo, identificada durante a inserção ecológica foi a sua habilidade em compor e cantar *raps*, como ilustra esse relato do diário de campo.

“O Fábio e a Cláudia cantaram o samba do Acolhimento (feito pelo Fábio) e o rap (Boca do tráfico) feito pelo Júnior, a Cláudia e o Ricardo. (...) Eis a letra do rap... Cada dia é um dia/ cada lugar é um lugar/ cada lugar é uma lei/ cada lei é uma história/ que lei é uma história/ que eu sempre respeitei/ Porque o crime só me deu/ cadeia ou caixão/ dez anos de detenção/ Ladrão, chinelo, roubou do patrão/ tomou tirou do oitão/ roubou malote do patrão/ se largou/ depois ele voltou/ e o patrão desconfiou/ É, cada lugar é um lugar/ e a lei desse lugar/ é a morte que vai chegar/ Se você não se ligar/ O patrão vai te pegar/ Pegou!” (Diário de Campo, 23/08/2007)

No mês anterior à realização da pesquisa, Ricardo relatou um grande número de sintomas físicos (nove dentre os onze listados). Além disso, o participante afirmou já ter tentado o suicídio duas vezes. Quando perguntado sobre o quê teria ocasionado essas tentativas, ele respondeu: “por causa das constantes brigas da minha mãe com o meu tio”. Sua primeira relação sexual foi aos sete anos de idade com uma amiga da mesma idade. Referindo-se ao ano anterior à pesquisa, Ricardo mencionou ter tido entre 6-10 parceiras e que usou camisinha na última relação sexual.

Na escala de afeto positivo e negativo, o adolescente definiu-se como “muitíssimo” alegre, amoroso, animado, carinhoso, contente, corajoso, divertido, esforçado, esperto, feliz, forte, interessado e orgulhoso. Ao mesmo tempo definiu-se como: “muitíssimo” assustado, desanimado, envergonhado, furioso, incomodado, irritado, magoado, nervoso, perturbado, preocupado e triste.

Sobre a rede de apoio, Ricardo citou um número igual de contatos nos campos de instituição e de amigos/vizinhos/parentes (18 contatos). Como não estava frequentando nenhuma escola na época da entrevista, esse campo não foi preenchido. Já no campo da família, foram citados seis contatos (pai, mãe, avô e três irmãos). Nesse campo, porém, Ricardo atribuiu proximidade máxima a todos os contatos. Ele contou que tem o carinho e apoio da

mãe, mas não do pai. Não por acaso, portanto, a sua mãe foi mencionada como a sua principal fonte de apoio. Quando perguntado sobre que tipo de apoio a sua mãe poderia lhe dar, ele respondeu: “Quando tô brigando com alguém, ela não deixa brigar. Vem me buscar na rua, não me bate, não me espanca... Minha mãe não é dessas que bate nos filhos”. Quando falou dos primos e da irmã pequena, emocionou-se e disse: “Saudade!”.

Certamente, o fato de Ricardo acessar raramente o serviço de albergue noturno, limitou o grau de vinculação que a equipe de pesquisa pôde ter com ele. Além das características físicas já mencionadas e que chamam a atenção (pequenino, franzino e dentes amarelados), ressalta-se a sua postura de preferir estar sozinho quando está na instituição. No entanto, durante os dois momentos de coleta de dados, Ricardo mostrou-se bastante disposto e cooperativo, contando não apenas alguns fatos tristes e marcantes da sua história, mas expressando também o seu gosto por cantar.

b) Caso 2 – Amanda (menor escore de mau ajustamento no grupo de base-rua). Amanda tinha 11 anos de idade e era a filha do meio de uma família de três irmãos (dois meninos de 14 e 3 anos). Amanda tinha pele morena e apresentava uma estatura adequada para sua idade. Ao longo da inserção, pôde-se perceber que ela estava sempre bem arrumada e que gostava bastante de usar sandálias altas. Amanda residia com a sua mãe e seus irmãos em um bairro de classe baixa da cidade de Porto Alegre, mas foi aqui caracterizada como sendo do grupo de base-rua, já que possui um histórico de vivência de rua.

A mãe de Amanda era dona de casa e o pai pintor, mas estava preso em regime semi-aberto. A participante não conseguiu explicar com muita clareza a razão da prisão do pai e apenas disse que a mesma se devia a “uma briga com o homem do armazém” e a uma falsa denúncia de que teria assaltado uma mulher. O regime semi-aberto permitiu ao seu pai sair durante o dia para trabalhar, assim como realizar visitas diárias à família, antes de voltar à noite para dormir no presídio. Segundo Amanda, a prisão do pai foi um acontecimento que a deixou bastante triste. Em contrapartida, ela descreve como sendo

um acontecimento bom e que a deixa feliz, o fato do “pai ir em casa quando pode”.

Amanda cursava, no momento da entrevista, a segunda série do Ensino Fundamental e já havia sido reprovada duas vezes (na primeira e segunda série). Nas atividades de artesanato, ela sempre se destacou tanto pela qualidade dos trabalhos realizados quanto por sua rapidez. Geralmente, ela era a primeira a concluir os trabalhos e demonstrar uma alta capacidade de concentração e interesse por essas tarefas (confecção de chaveiros e bonecas com tecido, por exemplo). No entanto, Amanda também apresentava dificuldade com a linguagem escrita e falada. Certa vez, quando a pesquisadora pediu para ela dissesse o nome completo, ela pegou a carteirinha de estudante, pois disse que o nome era grande e que por isso se confundia. A respeito da data de aniversário, ela também disse: “Não guardo na cabeça”, não sendo capaz de relatá-la.

A relação com a rua apareceu de forma muito discreta em sua fala. Ela falou que costumava ir para a rua depois da escola para brincar com as colegas em um conhecido supermercado da região. No entanto, ao longo da entrevista, a participante também deixou claro que pedia dinheiro na rua “pra comprar salgadinho e refri” e que não tinha vergonha de fazer isso. Embora tenha afirmado que não estava trabalhando no período em que a entrevista foi realizada, Amanda disse que trabalhou no passado vendendo marcela em outro bairro distante da sua casa. Ela contou que costumava ir com o irmão mais velho, o qual “ia pra me cuidar”. É interessante como Amanda descreveu detalhadamente o seu processo de trabalho, dizendo que ela mesma pegava a marcela no pátio da sua casa, fazia os molhos e amarrava e que chegava a ganhar R\$ 30,00 por dia com a venda da marcela. Contou, ainda, que gostava de fazer isso, pois “é melhor que fazer coisa errada”. No entanto, repetia que só fazia isso quando não participava da instituição na qual estava, uma vez que a assistente social daquela instituição (Iara) a incluiu no programa PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), o qual lhe garantia uma bolsa mensal. Amanda explicou como ocorreu a inclusão de seu nome nesse programa durante o ano de 2005: “A Iara fez visita na minha casa e falou daqui. Ela me viu na rua, porque

eu gostava de ir na rua depois da escola, daí a Iara me escreveu, pra minha mãe ganhar o PETI”. De acordo com Amanda, com o dinheiro que conseguia na rua ela “comprava comida pra dentro de casa”. No entanto, ela acrescentou que “fazia isso quando não tinha o PETI” e que, atualmente, ela não precisava mais vender marcela (“a condição financeira da minha casa melhorou”). Além disso, ela mencionou que a sua mãe não permitia que ela fosse mais para a rua, seja para brincar com as suas amigas, seja para pedir ou vender marcela.

Além da prisão do pai, outros eventos de vida importantes mencionados por Amanda foram: a morte de uma irmã bebê que nasceu prematura; as notas baixas na escola; as duas reprovações; ter que trabalhar para ajudar a família; e a morte de um tio que estava envolvido no tráfico de drogas. No geral, a sua auto-definição era bastante positiva, merecendo destaque os adjetivos que a qualificavam como alegre, animada, ativa, decidida, esforçada, esperta, forte, interessada e participativa. Em vários momentos, Amanda descreveu-se como bastante participativa “Eu faço tudo que a professora pede”, contrapondo-se aos demais colegas (“Os guris não gostam de fazer muita coisa – chaveiro, fuxico, bolsa, boneca, etc. Eu faço tudo!”). Os relatos do diário de campo são ricos de exemplos nesse sentido:

Dia mais frio do ano em Porto Alegre. Cinco, seis graus e muito vento... Resultado: menos guris na sala. Hoje alguns trabalharam no chaveiro, outros desenharam e outros não fizeram nada. (...) A Amanda já acabou o chaveiro e está trabalhando agora em uma boneca. (Diário de Campo, 29/05/2007)

No entanto, Amanda disse que costumava fazer os seus trabalhos individualmente: “Eu não preciso de ajuda! Não peço ajuda!” e que é uma pessoa “mais sozinha”, demonstrando maior dificuldade de fazer amigos. Mesmo se definindo dessa forma, houve algumas ocasiões em que Amanda buscou a ajuda da pesquisadora. Isso aconteceu depois de certo tempo de vinculação:

Os guris foram para o esporte e as gurias ficaram na sala fazendo a auto-avaliação. Passei a maior parte do tempo ajudando a Amanda que pediu ajuda para ler

e escrever. Agora dou-me conta da relevância desse ato, principalmente para alguém que, como ela sempre diz, faz tudo só e não costuma pedir muita ajuda de ninguém. (Diário de Campo, 19/06/2007)

Além disso, na escala de afeto positivo e negativo, Amanda também se definiu como sendo “um pouco” amedrontada. Quando perguntada o porquê, ela respondeu que tinha medo: “Das pessoas malvadas da rua. Os caras que ficam pegando as gurias na rua”.

Apesar de descrever-se como sendo “sozinha”, Amanda citou um grande número de contatos na sua rede de apoio social e afetiva através do Mapa dos Cinco Campos, destacando-se principalmente os campos de contatos formais (com 19 contatos) e os campos de instituição e parentes/vizinhos e amigos (ambos com 16 contatos). No campo de contatos formais, Amanda mencionou os contatos que possui com algumas pessoas do presídio onde seu pai está (cozinheiro, gerente e preso amigo do pai, por exemplo), assim como os contatos que possuía na igreja que frequentava. Sobre o presídio e as visitas que costumava realizar ao pai, Amanda diz: “Lá é bem legal! Tem tudo para as crianças brincarem!”. Ela citou, ainda, o pai e a mãe como as pessoas com quem mais pode contar, afirmando que os mesmos podem ajudá-la dando tênis, roupa e carinho.

A inserção ecológica foi fundamental no caso de Amanda, sobretudo diante do receio que ela demonstrava em contar a sua história. Esse fato certamente estava relacionado ao medo de que a instituição ficasse sabendo que ela continuava envolvida com atividades de trabalho, ainda que recebesse a bolsa PETI. A conversa, porém, com técnicos da instituição deixava claro que isso era de conhecimento de todos e que muitas tentativas de conversa já haviam sido feitas com aquela família. Após um processo lento de vinculação, Amanda foi mostrando-se disposta a participar da pesquisa. Durante o primeiro encontro, em especial, mostrou-se bastante evasiva em suas respostas, mas o uso de instrumentos mais lúdicos, como a Escala de Afeto Positivo e Negativo e o Mapa dos Cinco Campos, contribuíram para que ela se expressasse com maior abertura.

c) Caso 3 – Rita (maior escore de mau ajustamento no grupo de base-familiar). Rita tinha 15 anos e era a filha mais velha de uma família de seis irmãos. Ela era de pele negra e possuía uma estatura maior que a média das adolescentes da sua idade. Além disso, gostava de se apresentar bem vestida, usando quase sempre roupas curtas e decotadas. Seus irmãos mais novos tinham, respectivamente, 14, 12, 11, 8 e 5 anos de idade. A mãe de Rita era dona de casa e o seu pai era falecido. A adolescente contou que o pai era usuário de droga e morreu quando ela era pequena. No momento da entrevista, Rita relatou que estava morando há dois meses na casa de amigas porque brigou com a mãe e disse “Lá está melhor do que em casa”. Segundo a adolescente, a mãe mudou muito depois que estava com um novo companheiro, passando a xingar frequentemente os filhos, tomar remédio pra se matar, engordar e “se largar”. Nas palavras de Rita: “ela não gosta de mim, prefere meu padrasto a mim!”. Rita sente-se, portanto, rejeitada pela figura materna e menciona, inclusive, agressões físicas por parte da mesma. Sobre o padrasto, ela diz: “Eu não gosto dele!”.

Enquanto Rita se mudou para a casa de amigas, os seus irmãos continuavam com a mãe. Rita contou, ainda, que seu irmão de 12 anos de idade já passou quatro meses na rua (no Centro de Porto Alegre). Embora no momento da entrevista ele estivesse em casa, Rita mencionou que achava que ele podia voltar pra rua, já que ele já foi e voltou para a rua mais de uma vez.

A adolescente cursava a sétima série do Ensino Fundamental e já foi reprovada uma vez na quinta série. No momento da entrevista, ela estava há três meses sem ir à escola, uma vez que não estava conseguindo acompanhar o nível mais avançado dessa escola para a qual foi transferida. Quando a entrevista foi realizada, Rita também não estava trabalhando, mas disse que já havia trabalhado nos camelôs no centro e cuidado de crianças em casa de vizinhos.

Sobre o consumo de álcool, cigarro e outras drogas, Rita afirmou que costumava beber “poucos dias” (1 a 3 dias) e fumar “quase todos os dias” (20 dias ou mais). Embora tenha dito que já experimentou maconha, ela não referiu o uso dessa droga no

último mês anterior à coleta de dados. Por causa das brigas com a mãe, a participante relatou que já pensou em se matar, mas nunca tentou. Sua primeira relação sexual foi aos treze anos e, no último ano, ela disse ter tido de 3-5 parceiros. No momento da entrevista, contou que seu parceiro atual era o namorado, o qual tinha conhecido há quatro meses. Segundo ela, ter conhecido esse namorado foi algo muito bom que aconteceu na sua vida. Em contrapartida, relatou a morte do pai como um acontecimento da sua vida que lhe deixou bastante triste.

Rita informou que frequentava a instituição em que a pesquisa foi realizada desde os oito anos de idade. No momento da entrevista, além de frequentar três vezes por semana o Trabalho Educativo, Rita também ia a um Curso de Cabeleireiro duas vezes por semana. Ela disse que dificilmente saía, mas que quando isso acontecia, costumava ir a bailes *funks* ou para a casa do namorado.

Rita descreveu a si mesma como “muitíssimo” amorosa, carinhosa, contente, corajosa e divertida. Diz-se ainda, “bastante” alegre, ativa, decidida, esforçada, esperta, feliz, forte e participativa. Ao mesmo tempo, considerou-se “muitíssimo” furiosa e bastante chateada, culpada, enojada e irritada.

Rita citou 32 contatos (média de 6,4 contatos por campo) como parte da sua rede de apoio. O maior número de contatos foi citado no campo da família (11), bem como o maior número de conflitos e rompimentos. O maior fator de proximidade foi citado no campo de instituição. A figura da avó foi mencionada como a principal fonte de apoio, uma vez que Rita podia contar com ela para “todo tipo de ajuda que precisar”. Rita descreveu a avó como alguém bastante presente na sua vida, tal como ilustra a frase a seguir: “Ela me criou e foi a única que me apoiou desde que nasci”.

Ao longo da inserção, Rita sempre chamou atenção da pesquisadora pelo aspecto de liderança que tinha no grupo, assim como por sua espontaneidade. Geralmente falante e alegre com seus colegas, não era de falar muito sobre questões pessoais. No entanto, as faltas seguidas na instituição sinalizavam que algo importante estava acontecendo com ela. Ao longo da entrevista, porém, esse aspecto ficou mais claro, já que a adolescente pôde falar mais sobre si.

d) Caso 4 – Fernanda (menor escore de mau ajustamento no grupo de base-familiar). Fernanda tinha 14 anos e era a filha caçula de uma família de quatro irmãos (22, 18 e 16 anos). Ela era de pele morena, de estatura mediana e apresentava-se sempre de maneira muito tímida. Não falava muito e era bastante discreta no agir e na forma como se vestia. Ela morava com o pai, a mãe, três irmãos e um sobrinho. Seu pai trabalhava em uma empresa privada (instalando alarmes) e a mãe era auxiliar de serviços gerais.

A adolescente cursava a sétima série do Ensino Fundamental, sendo que já repetiu uma vez a quinta série. No momento da entrevista, frequentava o curso de violão na instituição em que a pesquisa foi realizada. Ela estudava à tarde e frequentava o Trabalho Educativo há um ano e três manhãs por semana. No final de semana, disse que costumava ajudar a mãe na limpeza de casa e ir para a casa do cunhado com a irmã. Lá elas andavam de *skate* e assistiam a filmes no computador. Fernanda afirmou que não trabalhava e nunca trabalhou. Além disso, disse que nunca experimentou qualquer bebida alcoólica, cigarro ou outro tipo de droga ilícita. Não houve, também, qualquer referência à ideiação ou tentativa de suicídio.

O falecimento da tia no ano de 2006 foi citado como um evento que a deixou triste, enquanto o nascimento do sobrinho e o curso de violão foram destacados como acontecimentos bons da sua vida. Fernanda definiu-se como “muitíssimo” animada, ativa, calma, carinhosa, feliz e forte. Disse, ainda, ser “bastante” alegre, amorosa, contente, decidida, divertida, esforçada, esperta, interessada, orgulhosa, participativa e satisfeita. Ao mesmo tempo, no que se refere aos afetos negativos, a participante afirmou que não se sente “nenhum pouco” amedrontada, assustada, chateada, culpada, deprimida, desanimada, furiosa, humilhada, incomodada, impaciente, irritada, isolada, magoada, miserável, nervosa, perturbada, preocupada ou triste.

A adolescente não citou muitos contatos na sua rede de apoio (apenas 29 contatos; média de 5,8 contatos por campo). O campo com mais contatos foi o da instituição onde frequenta o Trabalho Educativo (nove contatos). Mas o maior fator de proximidade foi citado no campo de família. Ne-

nhum contato foi citado no campo de “contatos formais”. Além disso, Fernanda mencionou apenas duas situações de conflito e duas de rompimento em todo o mapa. A figura paterna foi citada como a pessoa com quem ela mais pode contar, pois ele “dá conselho e protege sempre!”.

A timidez de Fernanda foi a característica que mais chamou a atenção durante a inserção, assim como o fato de que ela e uma amiga eram as únicas adolescentes do sexo feminino que participavam da oficina de violão. Mas nos momentos em que a pesquisadora pôde acompanhar as oficinas de violão, era evidente a integração de Fernanda com os demais colegas e a sua concentração nos exercícios propostos pelo professor.

Discussão

Com base na descrição dos casos e na análise das Tabelas 2 e 3 foi possível elaborar as seguintes considerações.

- 1) Os perfis de mau ajustamento foram diferentes entre os quatro casos, tanto entre os grupos (grupo de base-rua diferente do grupo de base-familiar), quanto dentro de um mesmo grupo (indivíduo com pior e melhor ajustamento dentro de cada grupo), como ilustra a Figura 1.

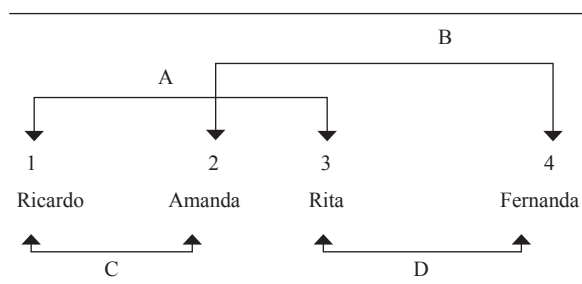


Figura 1. Representação esquemática dos perfis de ajustamento entre os quatro participantes

Na Figura 1, os participantes foram representados por números (1-4) e pelos respectivos nomes. Os números diferentes significam que os quatro participantes apresentaram diferentes indicadores de mau ajustamento, conforme mostra a Tabela 2. Sendo assim, tem-se que $1 \neq 2 \neq 3 \neq 4$. Portanto, pode-se concluir que o mau ajusta-

mento é diferente tanto entre os grupos quanto dentro de um mesmo grupo (intra-grupo). Esse achado corrobora a ideia exposta no início desse artigo, de que há uma grande heterogeneidade em termos de resultados desenvolvimentais entre os indivíduos, mesmo entre aqueles que fazem parte de um mesmo grupo (Rutter, 2007). Além disso, esse achado está em consonância com a literatura sobre crianças/adolescentes em situação de rua, quando a mesma propõe a realização de estudos comparativos, tanto entre indivíduos de grupos diferentes (McCaskill, Toro & Wolfe, 1998; Menke & Wagner, 1997; Rabideau & Toro, 1997; Rafferty & Shinn, 1991; Toro et al., 1995) quanto com indivíduos do mesmo grupo (Panter-Brick, 2002).

Os resultados corroboram, ainda, a visão de Lucchini (2003), segundo a qual crianças em situação de rua constituem uma categoria heterogênea. Embora o autor tenha se referido apenas à situação de rua, propõe-se aqui que a noção de “heterogeneidade” em termos de resultados desenvolvimentais seja estendida para compreender também o desenvolvimento de jovens que estão em situação de vulnerabilidade e que não necessariamente tiveram (têm ou terão) alguma vinculação com a rua. O uso da expressão “situação de rua” e “situação de vulnerabilidade social” permitem uma análise mais sistêmica, justamente porque considera a diversidade de modos de vida e resultados desenvolvimentais dessas crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que frisam que o problema não é a criança/adolescente em si, mas as situações nas quais ela podem se encontrar (Hutz & Koller, 1996; Stoecklin, 2003).

- 2) Os casos de pior ajustamento de um grupo (base-rua, por exemplo) tenderam a se parecer muito mais com o seu correspondente do outro grupo (pior ajustamento do grupo de base-familiar), do que com o seu oposto (melhor ajustamento), mas que fosse do mesmo subgrupo (base-rua). Sendo assim, por exemplo, verificou-se mais semelhanças entre os casos 1 e 3 do que entre 1 e 2, da mesma forma que os participantes 2 e 4 apresentaram mais semelhanças que os indivíduos 3 e 4 (ver Figura 1). Essa proposição

indica, portanto, que a experiência de rua isoladamente não coloca *a priori* consequências negativas ao ajustamento dos indivíduos. A experiência de rua pode colocar limitações, em maior ou menor grau, dependendo do grau de vinculação desse indivíduo com outras dimensões da sua vida (relação com a família, droga, escola, instituição, envolvimento com atividades ilícitas, recursos pessoais e rede de apoio, por exemplo). Ao mesmo tempo, o fato de morar com a família não é *a priori* garantia de bem-estar, nem de afastamento de situações ou comportamentos de risco à saúde e à própria vida. Em ambas as situações é preciso contextualizar o desenvolvimento de cada indivíduo a partir da análise de fatores de risco e proteção, assim como da forma como estes se relacionam para produzir resultados desenvolvimentais específicos (Panter-Brick, 2001, 2002).

A fim de realizar essa análise, compreende-se que a Abordagem Bioecológica, apresenta uma estrutura conceitual muito relevante para guiar o olhar dos pesquisadores, porque propõe que se deve dar atenção a múltiplos níveis de influência (pessoa, processo, contexto e tempo) e a fatores que estão tanto dentro quanto fora do indivíduo, incluindo o contexto macro-social (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005; Koller, 2004). Portanto, sabe-se que fatores de risco e de proteção estão situados tanto no nível individual (pessoa), quanto dos contextos (família, escola etc.). Além disso, somente compreendendo o processo de relação entre as características da pessoa com outras pessoas, objetos e símbolos, ao longo do tempo, é que se podem definir caminhos de influência entre os fatores de risco e proteção.

- 3) Os casos de pior ajustamento (1 e 3) tinham em comum o fato de apresentar maior número de eventos estressores, assim como os piores resultados nos indicadores de ajustamento quando comparado aos casos que apresentaram melhor ajustamento (2 e 4).

A Tabela 2 mostrou que Ricardo e Rita (indivíduos com piores escores de ajustamento) possuíam também maior número de eventos estressores ao longo da vida, assim como de

sintomas físicos, uso de drogas, comportamento sexual de risco, comportamento suicida e afeto negativo, quando comparados a Amanda e Fernanda. Esses achados confirmam as evidências teóricas de que a exposição a eventos estressores de vida tem sido relacionada a resultados desenvolvimentais negativos (Dubois, Felner, Brand, Adan & Evans, 1992; Jackson & Warren, 2000; Marturano, 2008; Masten et al., 1999; Sameroff, Gutman & Peck, 2003). No entanto, Morales e Guerra (2006) ressaltaram que, mais do que a presença de um fator de risco específico que impacta o desenvolvimento, seria a acumulação de fatores de risco que ocasionaria as maiores dificuldades de ajustamento, o que é atestado pelos resultados dos adolescentes Ricardo e Rita (maior exposição a eventos estressores e pior ajustamento). A acumulação de fatores de risco, por sua vez, é tanto maior (e mais grave) quanto maiores são as vulnerabilidades contextuais. Em contextos empobrecidos, portanto, sabe-se que a probabilidade dos fatores de risco se acumular é mais alta, o que tem um pior efeito para o ajustamento dos indivíduos que vivem nesses contextos (Morales & Guerra, 2006; Raffaelli, Koller, Cerqueira-Santos & Moraes, 2007; Sapienza & Pedromônico, 2005).

- 4) Os quatro casos também diferiram quanto ao grau de vinculação familiar, com a escola, com a rua e com a instituição que frequentam, sendo que os casos com pior ajustamento tenderam a mostrar uma maior fragilização dos vínculos nesses três espaços, se comparado aos casos de melhor ajustamento.

Essa proposição diz respeito ao grau de vinculação diferenciado que os quatro participantes têm com os diferentes contextos de desenvolvimento. Ricardo (adolescente com pior indicador de ajustamento) disse que saiu de casa há dois anos e, desde então, tem morado na rua. Ele disse que não mantinha contato com a família, mas também não era assíduo nos serviços que atendem a população infanto-juvenil em situação de rua. Além disso, não frequentava a escola. Amanda morava com a família e fazia uso da rua para as atividades de trabalho, mendicância e lazer. Frequentava a escola e a instituição onde

participava do SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo). Porém, apresentava muitas faltas nesses dois espaços. Rita estava fora de casa há dois meses, morando na casa de amigas, devido a desentendimentos que teve com a figura materna. Desde que saiu de casa, parou de ir à escola, mas continuava frequentando a instituição onde participava do Trabalho Educativo. Demonstrava uma vinculação positiva com esse espaço. No passado, já havia tido uma história de vinculação com a rua, quando desenvolvia atividades de trabalho. Por fim, Fernanda morava com os pais, frequentava a escola e o Trabalho Educativo e nunca teve qualquer relação com a rua, seja para atividades de trabalho, mendicância ou lazer. Tanto Ricardo quanto Rita, portanto, apresentavam vínculos bastante fragilizados com a família e com a escola; ao passo que Amanda conseguia manter vínculos com a família e com a escola, embora com certa dificuldade, alternando esses contextos de desenvolvimento com as suas saídas para a rua. Fernanda foi a única, dentre os quatro participantes, que pareceu positiva e saudavelmente vinculada com a família, escola e instituição.

A contextualização é útil, ainda, para explicar a existência das diferenças intra-grupos, anteriormente comentada no ponto 1 dessa seção de discussão de resultados. Sendo assim, embora Ricardo e Amanda, por exemplo, façam parte de um mesmo grupo, conhecido como de base-rua, percebeu-se que a vinculação que cada um possui com a rua é diferente. Enquanto Ricardo ficava na rua todos os dias e fazia dela o seu espaço de moradia, Amanda dizia que costumava ir para a rua para trabalhar e mendigar e, assim, ajudar a sua família. A diferença intra-grupo é verdadeira também para o grupo de base-familiar, sobretudo no que diz respeito à vinculação que as adolescentes possuem com suas famílias. Enquanto a adolescente Rita disse ter mudado para a casa de amigas, em virtude dos desentendimentos com a mãe, mostrando-se insatisfeita com esta, Fernanda morava com sua família e demonstrava uma grande satisfação com estes (maior fator de proximidade que ela destacou foi no campo da família – ver Tabela 3).

A relação diferenciada que os participantes estabeleceram com os diferentes contextos, confirma a proposição da Abordagem Bioecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), segundo a qual os múltiplos contextos se inter-relacionam e influenciam-se dinamicamente, de forma que as ações relacionadas a um sistema (família, por exemplo) têm influência sobre os demais contextos (escola, rua e instituição, por exemplo). De acordo com Sarriera et al. (2003), esses contextos são, sobretudo, relacionais, e dizem respeito à qualidade das relações estabelecidas entre as pessoas. O relato dos casos dos adolescentes na presente pesquisa confirma a ideia de que as relações estabelecidas nos diferentes contextos exerciam bastante influência sobre como cada adolescente estava inserido na família, na rua, na escola e nas instituições, por exemplo. Morais e Koller (2004) usaram a expressão “coesão ecológica” para se referir a maior ou menor capacidade dos contextos de funcionarem como fontes de apoio para os indivíduos.

- 5) Os quatro casos exemplificam diferentes perfis de ajustamento, os quais integram o *continuum* de vulnerabilidade social, resultado do entrelaçamento de fatores de risco e proteção, tanto na dimensão individual quanto da rede de apoio social.

Essa proposição, atestada pelos escores dos quatro participantes (Tabela 2 e 3), assim como pela descrição dos seus casos, está de acordo com a perspectiva de que na “vida real”, as pessoas movem-se constantemente “para dentro e para fora” de situações que os fatores de risco colocam ao seu desenvolvimento, criando, assim, diferentes estados de adaptação psicológica (Cowan, Cowan & Schulz, 1996). No processo de busca de adaptação, por sua vez, os chamados fatores de proteção exercem um papel fundamental, uma vez que são eles os responsáveis por diminuir a probabilidade de um resultado negativo ou indesejável acontecer diante da presença do risco.

A vulnerabilidade está relacionada a toda sorte de fatores (individuais e contextuais) que aumentam a probabilidade de um resultado negativo no desenvolvimento (Assis, Pesce &

Avanci, 2006; Fergus & Zimmerman, 2005). Ela implica, assim, uma maior susceptibilidade das pessoas a agravos e a potenciais de adoecimento. Além disso, resulta de uma relação negativa entre a posse limitada de bens materiais e de características, recursos, habilidades e estratégias (individuais, familiares e sociais). Como resultado do entrelaçamento entre os fatores de risco e proteção, tem-se uma situação que pode ser caracterizada como de maior ou menor vulnerabilidade, donde resulta a ideia de um *continuum* de vulnerabilidade social. Acredita-se aqui, portanto, que todos os indivíduos (em maior ou menor grau) estão sujeitos a situações de vulnerabilidade que podem contribuir para resultados negativos em alguma dimensão da sua vida.

- 6) A forte e positiva vinculação familiar, assim como com a escola e com a instituição são elementos importantes que permitiram entender como uma adolescente do grupo de base-familiar apresentou o melhor indicador de ajustamento dentre os participantes.

A adolescente Fernanda destacou-se como um perfil diferenciado entre os quatro casos analisados. Ela apresentou 13 eventos estressores ao longo da sua vida e os indicadores de ajustamento mostraram que a adolescente não estava envolvida com comportamentos de risco à sua saúde (ver Tabela 2). A descrição do caso, por sua vez, apresentou algumas características que podem elucidar o seu desempenho quanto ao indicador de mau ajustamento.

Dentre essas características, destacam-se, sobretudo, a referência que Fernanda faz a uma forte e positiva vinculação familiar (não somente pela presença das duas figuras parentais, mas pelo cuidado que estes demonstram para com seus filhos), assim como com a escola e com a instituição onde frequentava o Trabalho Educativo. Ainda, a sua auto-descrição a partir de altos escores de afetos positivos (por exemplo, animada, ativa, calma, feliz, etc.) e de baixos escores de afetos negativos (assustada, chateada, culpada, deprimida, desanimada, incomodada, etc.) revelaram a satisfação de Fernanda com a sua vida no momento da entrevista. A coesão

ecológica (referente ao apoio social recebido nos diferentes contextos por Fernanda) certamente esteve relacionada com o desenvolvimento de relações positivas que a adolescente tem estabelecido na família, escola e instituição (Morais & Koller, 2004). Entre esses contextos, tem havido uma comunicação positiva (permeabilidade e flexibilidade) e os mesmos têm funcionado conjuntamente a fim de contribuir para o ajustamento da adolescente (De Antoni & Koller, 2000). Além da comunicação entre os diferentes contextos, destaca-se a qualidade das relações estabelecidas nos microssistemas, como sendo um fator positivo fundamental para o melhor ajustamento de Fernanda. Entre essas características estão a expressão de afeto, o equilíbrio de poder e a reciprocidade (Bronfenbrenner, 1979/1996).

A discussão do caso de Fernanda ilustra a perspectiva da Psicologia Positiva, a qual busca estudar os aspectos saudáveis do desenvolvimento. Sendo assim, ao invés de enfatizar a psicopatologia e a doença, privilegia-se a compreensão de processos que promovem o desenvolvimento psicológico sadio (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Sheldon & King, 2001; Yunes, 2003; Yunes & Szymanski, 2001). O caso de Fernanda é bastante ilustrativo, uma vez que a adolescente está inserida em um contexto de vulnerabilidade social, mas não apresenta resultados desenvolvimentais negativos. Nesse caso, o interesse da Psicologia Positiva é o de compreender que variáveis no nível individual (por exemplo, auto-estima, auto-eficácia, espiritualidade/religiosidade, otimismo, habilidades sociais, esperança e criatividade) e da rede de apoio (por exemplo, apoio familiar, envolvimento com a escola e engajamento em instituições) contribuíram para tanto (Morais & Koller, 2004). A realização de estudos desse tipo é cada vez mais essencial, uma vez que se constatou que, mesmo estando baseada no modelo da doença, a Psicologia não avançou na elaboração de propostas de intervenção preventivas (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Embora no caso de Fernanda não tenha sido possível aprofundar o papel positivo das características

personais, ficou evidente a influência positiva exercida pela rede de apoio na sua vida.

Considerações Finais

A análise dos maiores e menores indicadores de mau ajustamento nesse artigo evidencia a noção de um *continuum* de vulnerabilidade social. Este, por sua vez, está muito mais relacionado à forma como fatores de risco e proteção interagem em um dado momento na vida de cada adolescente, do que unicamente ao contexto em que se vive. Nesse sentido, um adolescente vinculado à rua não necessariamente apresenta piores indicadores de ajustamento que um adolescente que vive com sua família. Muitas outras variáveis, tais como idade, envolvimento com drogas, grau de vinculação familiar, comunitária e com a escola, dentre outros, não de ser considerados na análise do caso. Sendo assim, para cada adolescente há um amplo espectro de possibilidades em termos de resultados desenvolvimentais, tanto quanto de caminhos que levam a resultados específicos, como mostram os quatro casos aqui analisados.

A inserção ecológica permitiu a realização desse estudo e mostrou a relevância de se contextualizar na história de vida de cada adolescente os processos desenvolvimentais que levam a resultados específicos (maior ou menor uso de droga, por exemplo), ao invés de centrar a atenção apenas no resultado em si. Além disso, a inserção ecológica permitiu uma forma diferenciada de aplicação dos instrumentos que garantiu a realização desses estudos de casos, sem que para isso fosse necessária outra coleta de dados. A inserção ecológica, portanto, mostrou o valor de entrevistas bem realizadas, assim como do adequado preenchimento de escalas e instrumentos e da elaboração do diário de campo, os quais podem igualmente ser utilizados para “contar a história” de cada caso.

Finalizando, faz-se necessária uma ressalva quanto à descrição dos casos. Pode-se verificar que os quatro casos não foram descritos com a mesma riqueza de detalhes, sobretudo quando se refere às informações trazidas pelo diário de campo. Com relação aos instrumentos, houve uma tentativa de uniformização na quantidade e qualidade das

informações usadas para descrever cada participante. No entanto, o mesmo não é verdade com os dados do diário de campo. Nesse caso, verificou-se que havia uma maior quantidade de informações disponíveis a respeito dos casos do grupo de base-rua, quando comparado aos casos do grupo de base-familiar. Em parte isso aconteceu em virtude do grau diferenciado de vinculação estabelecido entre a pesquisadora e os participantes do grupo de base-familiar. Mesmo no grupo de base-familiar houve outros participantes sobre quem havia uma maior quantidade de relatos no diário de campo, em comparação com as informações disponíveis sobre as duas participantes (Rita e Fernanda) que obtiveram os escores de pior e melhor ajustamento nesse grupo. Como sugestão para estudos futuros, fica a possibilidade de que entrevistas complementares sejam feitas com os participantes para suprir a ausência de algumas informações que se consideram importantes a cada estudo.

Agradecimentos

Esse artigo é parte da tese de doutorado da primeira autora, sob orientação das duas últimas autoras. As autoras agradecem à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de Bolsa de Doutorado e Doutorado Sanduíche.

Referências

- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S. & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: Unesco.
- Aptekar, L. (1994). Street children in the developing world: A review of their condition. *Cross-Cultural Research*, 28, 195-24.
- Assis, S. G., Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)

- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Califórnia: Sage.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16, 515-24.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P. & Schulz, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Eds.), *Stress, coping and resiliency in children and families* (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Dalmolin, B. M., Lopes, S. M. B. & Vasconcellos, M. P. C. (2002). A construção metodológica do campo: Etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. *Saúde e Sociedade*, 11, 19-34.
- De Antoni, C. & Koller, S. (2000). A visão sobre famílias entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5, 347-81.
- DuBois, D. L., Felner, R. D., Brand, S. A., Adan, A. A. & Evans, E. G. (1992). A prospective study of life stress, social support, and adaptation in early adolescence. *Child Development*, 63, 542-57.
- Ennew, J. (1994). Parentless friends: A cross-cultural examination of networks among street children and street youth. In F. Nestman & K. Hurrelman (Eds.), *Social networks and social support in childhood and adolescence* (pp. 409-26). London: de Gruyter.
- Eschiletti-Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M. & Koller, S. (2008). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21, 160-69.
- Felsman, K. (1989). Risk and resiliency in childhood: The lives of street children. In T. Dugan & R. Coles (Eds.), *The child in our times: Studies in the development of resiliency* (pp. 56-80). New York: Brunner/Mazel.
- Fergus, S. & Zimmerman, M. A. (2005). Adolescent resilience: a framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annual Reviews of Public Health*, 26, 39-419.
- Giacomini, C. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Tese de Doutorado Inédita, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Guareschi, N. M. F., Reis, C. D., Huning, S. M. & Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* 7 (1), 17-27.
- Hoppe, M. (1998). *Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1996). Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia*, 2 (1), 157-97.
- Jackson, Y. & Warren, J. S. (2000). Appraisal, social support, and life events: Predicting outcome behavior in school-age children. *Child Development*, 71, 1441-57.
- Koller, S. H. (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Koller, S. H. & Hutz, C. S. (2001). Street children. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International encyclopedia of social and behavioral sciences* (pp.15157-60). New York: Elsevier.
- Koller, S. H. & Raffaelli, M. (2008). Improving the lives of street youth of Latin America: Towards the construction of a new agenda for developmental research and practice. In Y. Ronin & C. W. Greenbaum (Eds.), *The case for the child: Towards a new agenda* (pp. 179-200). Antwerp, Belgium: Intersentia.
- Kristensen, C. H., Dell'Aglio, D. D., Leon, J. S. & D'Incao, D. B. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação*, 8, 45-55.
- Laurent, J., Catanzaro, S. J., Joiner, T. E., Rudolph, K. D., Potter, K. I., Lambert, S., Osborne, L. & Gathright, T. (1999). A measure of positive and negative affect for children: Scale development and preliminary validation. *Psychological Assessment*, 11, 326-38.
- Lucchini, R. (2003). A criança em situação de rua: uma realidade complexa. In I. Rizzini (Ed.), *Vida nas*

- ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? (pp. 45-86). Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola.
- Malvasi, P. A. (2008). ONGs, vulnerabilidade juvenil e reconhecimento cultural: Eficácia simbólica e dilemas. *Interface Comunicação, Saúde e Educação*, 12 (26), 605-17.
- Marturano, E. M. (2008). Tensões cotidianas na transição da primeira série: Um enfoque de desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, 13, 79-87.
- Masten, A. S., Hubbard, J. J., Gest, S. D., Tellegen, A., Garmezy, N. & Ramirez, M. (1999). Competence in the context of adversity: Pathways to resilience and maladaptation from childhood to late adolescence. *Development and Psychopathology*, 11, 143-69.
- McCaskill, P. A., Toro, P. A. & Wolfe, S. M. (1998). Homeless and matched housed adolescents: A comparative study of psychopathology. *Journal of Clinical Child Psychology*, 27 (3), 306-19.
- Menke, E. M. & Wagner, J. D. (1997). A comparative study of homeless, previously homeless and never homeless school-aged children's health. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 20, 153-73.
- Morais, N. A. (2009). *Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Entre o risco e a proteção*. (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/16660>
- Morais, N. A. & Koller, S. H. (2004). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: A ênfase na saúde. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 91-07). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Koller, S. H. & Raffaelli, M. (2010). Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. *Universitas Psychologica*, 9, 787-06.
- Morais, N. A., Koller, S. H. & Raffaelli, M. (in press a). Inserção Ecológica na pesquisa sobre trajetórias de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Identificando fatores de risco e proteção. In S. S. Paludo & S. H. Koller (Eds.), *Inserção ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Koller, S. H. & Raffaelli, M. (in press b). Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Universitas Psychologica*.
- Morais, N. A., Raffaelli, M. & Koller, S. H. (2010). Resiliência e vulnerabilidade na vida de crianças e adolescentes em situação de rua. In N. A. Moraes, L. Neiva-Silva & S. H. Koller (Eds.), *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 63-84). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2010). *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morales, J. R. & Guerra, N. G. (2006). Effects of multiple context and cumulative stress on urban children's adjustment in elementary school. *Child Development*, 77, 907-23.
- Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., Carlini, C. M. A., Moura, Y. G. & Carlini, E. A. (2004). *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras (2003)*. São Paulo: UNIFESP/CEBRID.
- Panther-Brick, C. (2001). Street children and their peers: Perspectives on homelessness, poverty and health. In H. Schwartzman (Ed.), *Children and Anthropology: Perspectives for the 21st Century* (pp. 83-97). Westport: Greenwood Press.
- Panther-Brick, C. (2002). Street children, human rights and public health: A critique and future directions. *Annual Reviews of Anthropology*, 31, 147-71.
- Rabideau, J. M. P. & Toro, P. A. (1997) Social and environmental predictors of adjustment in homeless children. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 15 (2), 1-17.
- Raffaelli, M. (1999). Street youth in Latin America: A developmental review. *Interamerican Journal of Psychology*, 32, 7-28.
- Raffaelli, M., Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E. & Moraes, N. A. (2007). Developmental risks and psychosocial adjustment among low income Brazilian youth. *Development and Psychopathology*, 19, 565-84.
- Rafferty, Y. & Shinn, M. (1991). The impact of homelessness on children. *American Psychologist*, 46 (11), 1170-79.

- Rizzini, I. (1995). *Deserdados da sociedade: Os “meninos de rua” da América Latina*. Rio de Janeiro: CESPI/USU.
- Rizzini, I., Barker, G. & Cassaniga, N. (2000). *Criança não é risco, é oportunidade: Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/Instituto Promundo.
- Rocha, S. R. (2007). *Possibilidades e limites no enfrentamento da vulnerabilidade social juvenil: a experiência do programa agente jovem em Porto Alegre*. (Tese de Doutorado, Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Retrieved from http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=759
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence and coping. *Child Abuse & Neglect*, 31, 205-09.
- Sameroff, A., Gutman, L. M. & Peck, S. C. (2003). Adaptation among youth facing multiple risks: Prospective research findings. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 364-91). Cambridge: Cambridge University Press.
- Samuelson, M., Thernlund, G. & Ringström, J. (1996). Using the five field map to describe the social network of children: A methodological study. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 327-345.
- Sapienza, G. & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10, 209-16.
- Sarriera, J. C., Moreira, M. C., Rocha, K. B., Bonato, T. N., Duso, R. & Prikladnicki, S. (2003). Parádigos em psicologia: Compreensões acerca da saúde e dos estudos epidemiológicos. *Psicologia e Sociedade*, 15 (2), 88-00.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.
- Sheldon, K. M. & King, L. (2001). Why positive psychology is necessary? *American Psychologist*, 56 (3), 216-17.
- Stoecklin, D. (2003). Das potencialidades de crianças e adolescentes em situação de rua ao desenvolvimento social. In I. Rizzini (Ed.), *Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas – Trajetórias inevitáveis?* (pp. 87-21). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Tiet, Q. Q. & Huizinga, D. (2002). Dimensions of the construct of resilience and adaptation among inner-city youth. *Journal of Adolescent Research*, 17, 260-76
- Toro, P. A., Bellavia, C. W., Daeschler, C. V., Owens, B., Wall, D. D. & Pasero, J. M. (1995). Distinguishing homelessness from poverty: A comparative study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 63 (2), 280-89.
- Yin, R. K. (1994). *Case study research: Design and methods*. London: Sage.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.

Fecha de recepción: 28 de marzo de 2011
Fecha de aceptación: 12 de marzo de 2012